



ESCOLA DE
HUMANIDADES

CONVERSAS & CONTROVÉRSIAS

Conversas & Controvérsias, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2178-5694

<http://dx.doi.org/10.15448/2178-5694.2025.1.46885>

ARTIGOS LIVRES

O jornalismo e a indústria da mídia: leituras do marxismo entre o fatalismo e o otimismo

Journalism and the media industry: marxist readings between fatalism and utopia

Periodismo y la industria de los medios: lecturas de marx entre fatalismo y utopia

Vinícios Welter Dias

Silva¹

orcid.org/0009-0002-4335-7280

vinicioswelter@gmail.com

Recebido em: 22 set. 2024.

Aprovado em: 07 out. 2024.

Publicado em: 08 jan. 2025.

Resumo: O presente artigo faz uma breve apresentação das leituras de Adorno e Horkheimer, Habermas, Gramsci, Werneck Sodré e Genro Filho acerca da indústria da média, do jornalismo e dos seus respectivos papéis na sociedade. Adotamos a estratégia de revisão bibliográfica, apontando as rupturas e as continuidades do pensamento de autores geralmente informados por uma fonte de pensamento em comum: o marxismo. Distinguimos entre os "pessimistas" e os "otimistas", profundamente alinhados de acordo com seus respectivos entendimentos da relação entre a *base* e a *superestrutura*, para delinear um esboço s ntico dos limites e das possibilidades da indústria da média na modernidade. Propomos um alinhamento equidistante entre os dois grupos de pensamento, articulado pela ação popular direta na criação e difusão de informação, mirando a democratização da esfera pública.

Palavras-chave: Indústria da M dia. Jornalismo. Marxismo.

Abstract: The present article seeks to make a brief presentation of the thought of Adorno and Horkheimer, H bermas, Gramsci, Werneck Sodr  and Genro Filho about the Media Industry, Journalism and their respective places in society. We execute a bibliographic review, pointing out the ruptures and continuities of the thought of authors generally informed by the same font of knowledge: Marxism. We distinguish between the "pessimists" and the "optimists", profoundly aligned to their respective understandings of the relation between the *base* and the *superstructure* to sketch a synthesis of the limits and possibilities of the Media Industry in modernity. We propose a halfway alignment between the two groups of thought, toward popular direct action in the democratization of the Public Sphere.

Keywords: Media Industry. Journalism. Marxism.

Resumen : Este artículo hace una breve presentación de las lecturas de Adorno y Horkheimer, H bermas, Gramsci, Werneck Sodré y Genro Filho sobre la industria de los medios, el periodismo y sus respectivos roles en la sociedad. Lo hacemos a modo de revisión bibliográfica, sealando las rupturas y continuidades en el pensamiento de autores generalmente informados por una fuente común de pensamiento: el marxismo. Distinguimos entre "pesimistas" y "optimistas", profundamente alineados según sus respectivas interpretaciones de la relación entre la base y la superestructura, para trazar un esquema s ntico de los limites y posibilidades de la industria de los medios de comunicación en la modernidad. Proponemos un alineamiento equidistante entre los dos grupos de pensamiento, articulados por la acción popular directa en la creación y difusión de información, apuntando a la democratización de la Esfera Pública.

Palabras clave: Industria de los Medios. Periodismo. Marxismo.



Artigo está licenciado sob forma de uma licen a
[Creative Commons Atribui  o 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontif cia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Em uma sociedade de hiperestimulação, de informação aparentemente infinita, o que o jornalismo pode nos oferecer? Esta instituição da sociedade civil moderna², em seu trânsito à contemporaneidade, foi transpassada por processos de análise que, cada um de seu modo, imprimiram sua leitura da sociedade sobre a imprensa. Dos profetas do apocalipse, que enxergaram na indústria da mídia³ o fim do livre pensamento, o esmagar da humanidade sob o punho firme da ideologia capitalista, àqueles que viram na informação qualificada e massificada a chave para a emancipação dos povos, as interpretações se revelam das mais amplas.

Este breve artigo pretende expor as posições de alguns pensadores inseridos na epistemologia marxista acerca da imprensa como meio de comunicação massificado, dos produtores desta comunicação informativa – do jornalismo – e seu valor nas sociedades modernas. Nosso recorte faz-se pelo impacto percebido destes autores no debate acadêmico internacional, e brasileiro, acerca destas questões. Trazemos tais autores por considerarmos que seus pontos de vista são ilustrativos não só de sua obra, mas de tendências gerais de interpretação acerca do meio jornalístico que decorrem da obra de Marx e outras chaves mestras desta rede de pensamento e ação conhecida como marxismo. Nem todos os teóricos aqui ponderados escreveram diretamente sobre o jornalismo, mas cremos que seus escritos constroem relações claras com o jornalismo enquanto inserido nesta “indústria”, como interpretada por uma série de outros arca-

bouços, alguns já considerados “obsoletos”. Estes autores, igualmente, estão longe de serem os únicos a tratarem dos temas aqui ponderados⁴.

Pensar o espaço e a agência do jornalismo frente às tendências gerais da “indústria da mídia”, de uma sociedade massificada em sua indistinção, é determinar se existe a possibilidade de transgressão individualizada contra um sistema totalizante, que comprime os espaços de discurso a seu favor. O feito do jornalismo não se limita a esta ou aquela temática. Abrange o mundo e toca, mesmo que desigualmente, em quase tudo. É necessário ponderar não só o funcionamento desta instituição paradigmática do poder simbólico (Thompson 2008), o que alguns chamam de “quarto poder”, mas também sua ética e filosofia, mas o quanto seus reflexos são passíveis de transformar a sociedade ou proteger o *status quo* (Silva 2002).

Theodor Adorno e Max Horkheimer: a “orquestra afinada”⁵

Adorno e Horkheimer têm suas carreiras entrelaçadas. Eminências da teoria crítica frankfurtiana, buscaram historicizar os pressupostos do conhecimento na sociedade ocidental. Suas obras, condicionadas pelas vivências tanto na Alemanha Weimar – e, brevemente, sob o nazismo – quanto no exílio nos Estados Unidos, trouxeram uma análise que solidificou a Escola de Frankfurt como casa de uma crítica afiada contra as vicissitudes da modernidade sob o capitalismo. Sua conclusão vê, na distorção dos

² A “modernidade” aqui ponderada é baseada nas relações “tradicionais” de uma sociedade civil do momento urbano-industrial. Entendemos que a “era da informação” instaurou um conjunto distinto de relações que compõem a nossa “contemporaneidade”. Os autores aqui ponderados não analisaram este novo conjunto de dados, e, portanto, a validade de seus pensamentos é discutível.

³ Entendemos como “indústria da mídia” o conjunto de meios de comunicação de comunicação social e as relações de produção que os configuram na produção de *valor*. O “jornal-empresa” (Sodré 2011), ou a terceira fase, “indústri-comercial” do jornalismo (Habermas 2014), compreendem esta industrialização e a instauração da lógica capitalista sobre a mídia. O jornalista, como produtor de formas simbólicas, geralmente está inserido na indústria da mídia, mas o jornalismo, como *função social*, independe desta organização e estrutura, sobretudo quando ponderamos sua ética e prática além da produção de valor. Esta produção de valor, é claro, incorre sobre a constituição da função social do jornalista, mas vemos que os resquícios históricos, as “tradições” da profissão ainda têm força discursiva e ideológica, seja na “objetividade” ou na visão do “quarto poder” como *watchdog* da boa governança.

⁴ Como um exemplo contemporâneo, citamos Christian Fuchs, que tem organizado um real *tour de force* da atualização da teoria marxista da comunicação e da indústria da mídia. A seção marxista dos *internet studies*, similarmente, traz à *web* uma longa trilha interpretativa desta corrente de pensamento, reimaginando seus usos e preceitos. Não trazemos suas contribuições estritamente pelo fato destas escaparem, como o faz a modernidade, das categorias tradicionais de interpretação acerca do jornalismo e da indústria da mídia, assim como introduzem uma gama imensa de conceitos que almejam adaptar a teoria marxista à realidade digital. Nossa leitura se limita às interpretações “modernas”, e não pondera, neste momento, aquelas “contemporâneas”.

⁵ A organização deste texto faz-se não tendo em mente alguma cronologia ou alinhamentos destes autores conquanto à tese principal (de “fatalistas” e “utopistas”), mas sim tateando as conexões entre estes pensadores, sejam de sua própria volição, ou pelas análises posteriores que se utilizam deles.

ideais utópicos, a destruição destes mesmos ideais em prol da dominação.

Em sua análise da relação entre o capitalismo e a produção cultural, compreendem um sistema inescapável de deformação sociocultural: "No capitalismo desenvolvido, todas as manifestações culturais, orquestradas pela batuta mercantil, tornar-se-iam plenamente funcionais ao sistema de dominação" (Genro Filho 1989, 61). O jornalismo se insere aqui sistematicamente. A produção cultural alienante, manipuladora, faz-se regra geral, inexorável sobre as sociedades capitalistas, a "conformidade substitui a consciência" (Adorno e Rabinbach 1975, 17). Este ponto de vista foi centralmente elucidado em sua mais "niilista" obra (Habermas e Levin 1982), *Dialética do Esclarecimento* (Adorno e Horkheimer 2002). Esta produção, visando apresentar a "destruição" do Iluminismo como mito (Adorno e Horkheimer 2002, 19) frente ao capitalismo totalizante, trata geralmente destas questões. Um capítulo em específico, no entanto, *A Indústria da Cultura: o esclarecimento como mistificação das massas*, teve um impacto profundo no pensamento marxista, sobretudo na Europa.

O conceito de "indústria cultural" concerne à produção massificada e alienante da cultura, que "imprime a mesmice sobre tudo". No estágio monopolista do capitalismo, "toda a cultura de massas é idêntica" (Adorno e Horkheimer 2002, 95). Ela existe a fim de garantir a (re)produção não só do "principal adversário" do indivíduo, o "poder total do Capital" (Adorno e Horkheimer 2002, 94), pelo efeito sedativo – um "naturalismo domesticado" (Adorno e Horkheimer 2002, 104) – desta produção, mas, também, como deturpação da razão da cultura: o que antes era um meio e fim, a "cultura autêntica" agora servia à construção de valor de troca. O valor de uso da cultura – o desenvolvimento do homem e suas faculdades – é consumido pela lógica capitalista, ao detrimento da sociedade, que recai, contente, à homogeneização de seu conteúdo e à individualidade ilusória (Adorno e Horkheimer 2002, 106). Pela maximização do valor, a cultura estagna no que já existe, e o risco – e, com ele, a autenticidade

– é extirpado do sistema de produção cultural (Adorno e Horkheimer 2002, 107)

Esta interpretação é, como todas as outras, histórica: a trajetória destes e de sua escola é interpelada pela materialidade alemã e, eventualmente, estadunidense, desde a escalada nazifascista, corporativista, ao capitalismo avançado estadunidense, monopolista e altamente integrado com os meios de comunicação. Sua conclusão é simples: a promessa mítica da liberdade e do progresso pela iluminação da população era falsa, e a história o tinha comprovado. Do "esclarecimento total" irradia não a desmistificação do mundo, mas a "triumfante calamidade" (Adorno e Horkheimer 2002, 1). O mundo germinou, por suas contradições, o fascismo e o totalitarismo, não a emancipação (Noerr 2002).

Sua perspectiva não é, no entanto, totalmente material. Prevê as consequências do capitalismo industrial sobre a cultura, as visões de mundo não como subjugadas totalmente à materialidade, mas sim construídas a seu favor. Não identificam brechas de resistência, pois sua teoria é estritamente elitista: A "alta cultura", que possui valor estético, não pode existir na cultura de massas – e, admitidamente, ela não faz "arte" (Adorno e Rabinbach 1975) –, enquanto tornada por seu *valor de troca*, enquanto inserida na lógica capitalista como um mero produto de consumo para a realização da morte nervosa do corpo crítico da sociedade, tranquilizada pelo entretenimento simplório, pela enxurrada informacional, sem qualidades expressivas.

A "baixa cultura", similarmente, perde seu sentido de classe, sua tensão crítica, para virar conteúdo raso e alienador. As massas tornam-se objeto desta distorção, de um *real* cada vez mais longe da materialidade, visando obscurecê-la e assim favorecer o *status quo* (Adorno e Rabinbach 1975, 12-3). O meio-termo de Adorno e Horkheimer (2002), entre a materialidade determinante e a subjetividade condicionante, pende à primeira vertente em sua conclusão apocalíptica: da inabilidade de desvencilhar-se das amarras do capitalismo urbano-industrial massificado.

O jornalismo se insere, vemos, entre estas tendências. Todas as suas expressões, desde a de "elite" ao "jornalismo amarelo", estariam pre-

nhas deste conteúdo *manipulador*, por não ser o *real*, como pretende, mas sim um produto que se tornou totalmente *mercadoria*. Mesmo dentre a cacofonia das comunicações de massa, nexo da expressão cultural, esta *cultura mercadorizada* "segue o ritmo do aço", padroniza-se pela técnica que opera sob a lógica do capital, e, portanto, da dominação: "A racionalidade técnica hoje é a racionalidade do próprio domínio, é o caráter repressivo da sociedade que se autoaliena" (Adorno e Horkheimer 1982, 160).

As ideias de Adorno e Horkheimer (1982), muitas vezes apresentadas em conjunto, refletem a desesperança de alguns pensadores que, encarados pela mortandade industrial das duas Grandes Guerras e a violência que o nazifascismo imprimiu sobre o mundo, viraram suas costas à esperança de algo melhor. O capitalismo estava no centro desta desagregação homogeneizante.

Jürgen Habermas: "Recuperar o passado para salvar o futuro"

O alemão Jürgen Habermas (2014), expoente da Escola de Frankfurt, pensa a sociedade na procura de uma democracia mais plena. Em sua primeira produção de monta, *Mudança estrutural da esfera pública*: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa recorreu à análise histórica para discernir como a sociedade europeia havia desenvolvido seus espaços de comunicação pública e como estes, com o avanço do capitalismo e a consolidação da burguesia como fração dominante, foram desvirtuados e fechados para a discussão da sociedade, seus problemas e seu futuro. De certo modo, toda a obra de Habermas toca a comunicação. A nosso pensar, no entanto, a sua primeira obra e suas correntes revisões feitas pelo autor sediam o mais frutífero espaço de reflexão e análise, quando se trata de nosso tema de revisão.

Em seu estudo histórico da criação e da transformação da chamada "esfera pública burguesa", Jürgen Habermas (2014) analisa a consolidação de um espaço de se pensar – com criticidade e "progressismo" – os problemas da sociedade, e como este pôde avançar questões à luz de uma

nova ideação lógica, "iluminista", enfim, "racional" (Avritzer e Costa 2004). As revoluções burguesas e a virada científica são consequências claras desta emergência do que Peter Burke (2003, 26) denomina de "república dos letrados".

Ao longo das décadas, este espaço foi deturpado pela lógica capitalista. Da consolidação das revoluções burguesas provém o fechamento deste espaço que as permitiu pautar – inicialmente – o debate e pleitear a hegemonia sociocultural. A crítica é substituída por uma fragmentação da produção de formas simbólicas, de debates que obscurecem a realidade e entravam a mudança na sociedade (Livingstone e Lunt 1993). O real debate com consequências transformadoras, travado antes da consolidação burguesa, se desfez, e tornou-se um debate de aparências apenas:

Novos meios técnicos sofisticados são empregados para dotar a autoridade pública com aquela aura e prestígio que uma vez eram concedidos às figuras reais pela publicidade encenada das cortes feudais. Esta "refeudalização da esfera pública" torna a política um espetáculo que os políticos e os partidos procuram administrar, de tempo em tempo, com o consentimento aclamante da população despolitizada. A massa da população é excluída da discussão pública e do processo de tomada de decisão, e é tratada como recurso manipulável que os líderes políticos podem utilizar para extrair, com o auxílio das técnicas da mídia, aprovação suficiente para legitimar seus programas políticos (Thompson 2008, 71-72).

A conclusão original de Habermas, muito ligada aos estudos de Adorno e a Escola de Frankfurt, trouxe um diagnóstico similarmente fatalista: a captura teria sido total e inescapável. "Os cidadãos, na sociedade de massas, teriam se transformado, de politicamente ativos em privatistas, de atores da cultura em consumidores de entretenimento" (Avritzer e Costa 2004, 707). No entanto, com o passar das décadas, o sociólogo reformula sua ideação em direção ao otimismo futuro: "A fonte da legitimidade política não pode ser, conforme Habermas, a vontade dos cidadãos individuais, mas o resultado do processo comunicativo de formação da opinião e da vontade coletiva" (Avritzer e Costa 2004, 709-10). A democratização constante dos meios de comunicação, uma ênfase no diálogo "racional",

inerente à capacidade comunicativa (Habermas 1985), e na reconstrução de laços interseccionais pode recriar o padrão original de uma esfera pública propositiva e transformadora da sociedade em direção a um futuro melhor.

O desenvolvimento de uma “nova conclusão” acerca das possibilidades da comunicação vem, para Habermas, de sua transição ao “pós-marxismo”, caracterizada por um “abandono” da crítica da economia política – muito mais presente em *Transformação estrutural* do que em suas obras posteriores – e pela interpretação de que a luta de classes havia sido “apaziguada” pelo Estado de bem-estar social (Habermas 1986, 348). Habermas (1986) leva a discussão da “democracia” – tanto como organização do Estado quanto como ação social – para ideais universais: da racionalidade, de uma base moral universal e do diálogo pluralista. Mesmo que estas tendências tenham sido criticadas por seu utopismo (Kompridis 2006), eurocentrismo (Gunaratne 2006) e inaplicabilidade para o *todo social* (Devenney 2009), seu cerne, da ação política visando o *entendimento*, é um ideal válido. Um trabalho jornalístico encetado em uma indústria da mídia que seja impelida a visar a *compreensão* e não o motivo-lucro, é uma visão altamente otimista, mas pouco prática, vista a materialidade que a cerca.

A “recuperação do debate ideal”, que preocupa Habermas, toma outras cores no campo da esquerda revolucionária. Discute-se, neste caso, a execução prática desta captura da pauta nacional. O diagnóstico feito por autores como Antonio Gramsci existe apenas enquanto relacionado com seus objetivos eminentemente revolucionários. Procura saber, nesta direção, não *o que* precisa ser feito – esta é a revolução –, mas sim *como* e *por quem*.

Antonio Gramsci: em direção ao homem integral e a sua revolução, o jornalismo integral e o poder emancipatório do saber

Antonio Gramsci, um teórico da revolução comunista e incessante comunicador a seu favor, teve uma vida curta, mas árdua. Um dos fundadores do Partido Comunista da Itália foi duramente perseguido pelo regime fascista de Mussolini. Nunca publicou livros, e escreveu o grosso de sua obra durante o seu longo cárcere⁶, que o levou à morte prematura. Sua teorização da *hegemonia* e suas partes constituintes sobrevive como a mais relevante peça de sua produção, mas o autor pensou muito além disso. De sua vivência como agitador, aplicada sobretudo em sua ação jornalística em periódicos da esquerda radical, Gramsci criou uma teoria da revolução para a Itália. Suas reverberações se fizeram globais.

Gramsci, em sua leitura da luta pela *hegemonia* – essencialmente o pleito de diferentes polos político-culturais pela *direção* mais ou menos consensual da sociedade⁷ – pelo *hearts and minds* da sociedade como uma peça central da luta de classes, enxerga o jornal como a base a partir da qual a organização da intelectualidade contestadora da ordem vigente poderia se fazer ouvida, interpelando a sociedade em bases classistas, na tentativa de, pela força de seu argumento e seu apelo popular, impor-se ao todo como *direção* social. Esta direção nasce da hegemonia, o:

Consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à direção geral imposta na vida social pelo grupo dominante fundamental; este consenso é “historicamente” causado pelo prestígio (e consequente confiança) de que desfruta o grupo dominante por causa de sua posição e função no mundo da produção (Gramsci 1971, 12, tradução do autor).

⁶ Os 32 *Cadernos do Cárcere* têm sido editados de inúmeras formas desde sua publicação inicial. Entre livros cronológicos e temáticos, apontamos as edições da Boitempo (que tentam reorganizar esta ordem), e o esforço de Quintin Hoare e Geoffrey Smith, *Selections from the Prison Notebooks* (1971) e, em português, o esforço, em seis volumes, de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques, pela Editora Civilização Brasileira (1999-2003).

⁷ A fim de dar um exemplo: o contínuo assento da sociedade inglesa ao parlamentarismo garante a reprodução deste sistema político. Suas características específicas, como o sistema de votação *First Past the Post*, garantem uma certa continuidade: os mesmos partidos detêm a “direção”, por consenso “espontâneo”, há quase cem anos. Ver Johnston et al. (2002) e Gudgin e Taylor (2012) acerca deste sistema e suas consequências políticas.

Este processo de interpelação pleiteando o "consenso" faz-se, inicialmente, de modo restrito: uma classe tem de convencer a si mesma antes de convencer aos outros (Bates 1975). Este convencimento vai além de uma "racionalização cínica, grosseira, tosca, bisonha ou canhestra dos interesses de uma determinada classe ou de um determinado grupo", pois os grupos em conflito pela hegemonia creem "que as condições *particulares* da sua libertação são as condições *gerais* [de libertação, da realização humana]" (Konder 2002, 43-4). O trabalho de Gramsci nos periódicos *Avanti!*, *L'Ordine Nuovo* e *L'Unità* certamente influenciou sua visão. Seu caráter explicitamente revolucionário coaduna com o ideal de que o jornalista, e, enfim, todos os intelectuais, devem deixar de ser meros "especialistas" para tornarem-se "dirigentes", embasados por uma "técnica-ciência" alinhada com a concepção "humano-histórica", humanista, do que o futuro deveria ser (Gramsci 1981).

Formular-se-ia, assim, um jornalismo entendido como "integral", que não visa cumprir uma função restrita, mas sim criar, a partir de "um agrupamento cultural (em sentido lato) mais ou menos homogêneo, de um certo tipo, de um certo nível e, particularmente, com uma certa orientação geral", a fim de "construir um edifício cultural completo, autárquico, começando precisamente pela... língua, isto é, pelo meio de expressão e de contato recíproco" (Gramsci 2001, 195). Este esforço começa como vanguardista, com um pequeno grupo prezando por esta construção, mas pretende-se expandir exponencialmente, pois todos são *intelectuais* na sociedade moderna (Gramsci 1981), e estes devem, essencialmente, se inscreverem à noção da "expansão do homem em todas as direções" (Engels, 1969).

O modo como um grupo pode expor sua cosmovisão, de cima para baixo, se faz inicialmente pelo jornalismo e, eventualmente, por todo o

leque de produções culturais, ao passo que suas expressões e seu ideário⁸ se popularizam e se consolidam:

Os meios de comunicação, assim como os partidos em seu trabalho de direção política, desempenham o papel de formar a opinião pública, organizando e centralizando certos elementos da sociedade civil em torno de determinadas propostas e ações. Daí a luta pelo monopólio dos órgãos de opinião pública: jornais, partidos, parlamentos, de modo que uma única força modele a opinião e a vontade política nacional (Schlesener 1992, 21).

Se o conflito pela transformação começa nas mídias (e aqui a ferramenta primaz é a jornalística) (Thompson 2008), ele termina na suplantação da *hegemonia*, sistema que é realmente total e não secundário ou meramente superestrutural (Williams 2005), uma dinâmica infra e superestrutural, de "influência pela determinação de limites sobre o pensamento e a ação" (Becker 1984, 69).

Todo grupo de tendência hegemônica necessita de meios de comunicação para espalhar suas ideias, suas posições, de modo que o jornalismo é a expressão primaz de parte dos intelectuais orgânicos de certo grupo, em seu trabalho de *reproduzir e amplificar*. Isto não é postulado como *propaganda*, mas sim como *informação*. A formação cultural – que é, também, política –, do fomento de intelectuais como "pessoas informadas e críticas", é "serviço obrigatório" de qualquer serviço de mídia (Gramsci 2001).

A visão gramsciana acerca do jornal e seu papel é condicionada não apenas pela materialidade, mas também pela conceituação do teórico acerca da *hegemonia*. É no jornal, tanto como nos partidos (e o jornal é um partido em sociedades civis não consolidadas) (Gramsci 2001), nas organizações privadas, que ocorre um embate entre visões de mundo, entre ideários expressados como ideologia, vertente central do conflito de classes, e não um espaço de manipulação. O *meio técnico*

⁸ Sewell (1981) postula a existência de *palavras*, léxicos e agrupamentos de sentidos comuns à vivência classista. O grupo ideal de Gramsci constituiria a *palavra operária*. Sem ela, seria impossível chegar à consciência. Esta *palavra operária*, vê-se, é contraposta à *palavra burguesa*, evidente contradição entre projetos hegemônicos, que moldam ideologicamente toda a estrutura de pensamento e ação, mas que se encontram dentro de apenas uma estrutura linguística, articulada não nas classes em si, mas nas estruturas de classe que a conformam. O problema, argumenta-se, é que dentro de certos arcabouços interpretativos, certas interpretações de mundo são, senão impossíveis, improváveis.

da palavra impressa, do jornal, por si só, não possui valor, este é imputado pelos *intelectuais* que vão utilizar-se dele. Vê, portanto, um potencial libertador quando o jornalismo é tomado e bem utilizado pelos intelectuais orgânicos do proletariado, classe que, quando livre, "libertará a todas as outras classes" (Thompson 2008, 26).

Nelson Werneck Sodré: a inescapável materialidade de um Brasil dependente

Nelson Werneck Sodré, carioca, militar de carreira que alçou o posto de general de brigada, é peça-chave do pensamento de esquerda no Brasil, país ao qual dedicou sua pesquisa quase integralmente. Publicou mais de quarenta obras, foi aplaudido e reprimido por suas posições políticas (Cardoso 2012), intimamente ligadas ao Partido Comunista Brasileiro, e morreu com a crença de ter "lutado a boa luta" (Cunha e Cabral 2006). Seu trabalho é a reflexão da evolução do Brasil em direção a uma sociedade urbano-industrial, e a procura de tanto "decifrar" o Brasil como o fora, e como o era, mas também sonhar o Brasil como deveria ser. A obra de Sodré, e de tantos outros pensadores de seu momento, é inseparável do Brasil e sua história.

Talvez a sua mais vultosa obra tenha sido uma análise histórica da imprensa no Brasil, trabalho de trinta anos que acaba por apontar uma união inextricável entre o capital e o jornalismo (no Brasil), confundindo sua função pública – de informar – com seu fim privado: o lucro (Motta 2002). Esta captura do aparelho midiático pelo *dinheiro* acaba por impossibilitar qualquer competição: a fase industrial da imprensa destrói a imprensa artesanal, desbanca os competidores descapitalizados (ou que não se "vendem" para arranjar tais capitais). Na luta pela tiragem, pela qualidade e diversidade de conteúdos, qualquer tentativa de competição honesta seria, nesta conjuntura, brutalmente reprimida pelo controle monopólico

dos meios de produção, pela restrição seletiva de anúncios, pela filtragem das agências internacionais de notícias e outros controles nascidos do poder econômico (Sodré 2011).

A visão de Sodré acerca do jornalismo é essencialmente pessimista. Determinado pela materialidade, o jornalismo não pode escapar das amarras de uma chefia capitalista, de uma noticiabilidade mercadológica e não social, que acaba por empurrar a sociedade em direção ao controle do capital. Abarcada em sua tese de "dependência colonial"⁹ do Brasil e sua economia, a imprensa é igualmente dependente dos EUA e do capital estrangeiro. Acaba, assim, por adotar as teses de seus mecenas, não só por considerações político-partidárias, mas, também, por necessidades puramente financeiras. O modelo brasileiro de jornalismo, que toma inspiração do estadunidense, é, segundo Sodré (2011), completamente impraticável no contexto dependente e descapitalizado em que vive o Brasil. Por tal razão, o domínio estrangeiro deturpa e deforma este jornalismo em seu todo, em uma "rendição" aos interesses do capital imperialista:

Essas empresas visceradas de gigantismo são, entretanto, dependentes – não da opinião, embora ainda tenham de considerá-la em parte – mas de outras empresas ainda mais gigantescas e, além de tudo, estrangeiras. Porque a imprensa brasileira atingiu, realmente, essa etapa empresarial de enormes dimensões guardando estranha vulnerabilidade, ligada à situação do país, ao seu nível de desenvolvimento (Sodré 2011, 568).

Sodré (2011) reconhece a importância do espaço jornalístico, mas enxerga nele – pelas condições materiais que se impõem – uma ferramenta de alienação e não de emancipação¹⁰. O autor coaduna, mesmo que acidentalmente, com a perspectiva habermasiana, mas não progrediu similarmente às mesmas conclusões esperanças. Sua leitura, eminentemente histórica, não trabalha com a predição do futuro, é claro, mas

⁹ Ver Sodré (1979).

¹⁰ "A transformação da imprensa em negócio de grandes proporções, em empresa e, paralelamente, o desenvolvimento, complexificação e encarecimento de suas técnicas, demandando grandes investimentos e acompanhando o desenvolvimento qualitativo e quantitativo do público, mostra como a proteção contra a censura perdeu o interesse antigo, embora não tenha este desaparecido: as grandes empresas jornalísticas, no essencial, se autocensuram. Isso conduz à transformação dialética, finalmente: *de instrumento de esclarecimento, a imprensa capitalista se transformou em instrumento de alienação, fugindo inteiramente aos seus fins originários*" (Sodré 2011, 597, grifos do autor).

não indica haver possibilidade alguma de uma reversão.

Adelmo Genro Filho: a potencialidade do nadar contra a corrente

Adelmo Genro Filho, gaúcho e jornalista por formação, publicou em sua vida sete livros e dezenas de artigos. Seu enfoque recaiu, inspirado na história dos movimentos comunistas, na adequação da prática jornalística com a teoria marxista. Foi membro ativo na política brasileira, exercendo mandato de vereador entre 1976 e 1982 pelo Movimento Democrático Brasileiro e militância pelo Partido dos Trabalhadores, Partido Comunista Brasileiro, Partido Comunista do Brasil e Partido Comunista Revolucionário. Seu trabalho mantém-se vivo na redação de múltiplas ementas de cursos de jornalismo Brasil afora, como uma análise ampla das perspectivas acerca da profissão e sua síntese original com o marxismo.

Ao longo de toda sua obra, *O Segredo da Pirâmide*: para uma teoria marxista do jornalismo, Adelmo Genro Filho (1989) contrapõe teorias interpretadas por ele como deterministas, simplórias ou pessimistas com uma ideiação altamente esperançosa acerca do potencial emancipatório da ação jornalística e seu meio. A natureza do jornalismo é moldada no recorte do capitalismo burguês, como postulou Habermas, mas escapa de seus contornos ideológicos, adquirindo uma ambivalência que constitui uma brecha à resistência (Genro Filho 1989, 27). As mazelas do jornalismo são, igualmente, seus espaços de contestação: a seletividade da notícia, capturada por agentes "bem-intencionados", incorre em um efeito altamente positivo. Concorde, nesta direção, com Gramsci: o problema não é o *meio*, mas seu *uso*:

Não é isso que os torna antidemocráticos ou instrumentos de controle e manipulação a serviço das classes dominantes. O domínio da linguagem, o controle da escrita, o monopólio da técnica de oratória e outras tantas prerrogativas das classes dominantes sempre foram, igualmente, instrumentos de persuasão, controle e pressão. A questão essencial é o domínio *político* dos meios de comunicação pelas organizações das massas revolucionárias, como condição para que a *qualidade*

das informações produzidas pelos centros emissores, em termos políticos, ideológicos e culturais sejam coincidentes com determinadas metas históricas, definidas coletivamente (Genro Filho 1989, 88).

Considerando que os "capitalistas" não criaram, mas sim capturaram a imprensa (Genro Filho 1989, 108-9), uma nova captura é sempre possível. Este movimento não é, no entanto, apenas o "dar voz" aos marginalizados, aos oprimidos, mas sim de uma reformulação estrutural:

Trata-se, fundamentalmente, de criar as mediações e os canais adequados para que os *conteúdos sociais* (o plural aqui é indispensável) que, antes eram desprezados na comunicação, passem a ter hegemonia no processo. O que é diferente de manipular o meio de comunicação diretamente (Genro Filho 1989, 122).

Adelmo Genro Filho ressalta que o jornalismo não é apenas correia de transmissão da hegemonia, não é apenas produto para receptores passivos, mercadoria ou produto do desenvolvimento do capitalismo burguês. Pode ser, também, uma ferramenta de libertação revolucionária, um espaço em que a consciência pode ser revelada, em que a comunicação pode ser utilizada de um modo diferenciado, sem ter de "destruir o jornalismo", ou "retornar a tradições anteriores" ou mesmo "rejeitar o colonialismo transnacional ao retornar às culturas populares". Rejeita a "morte" ou o "abandono" do jornalismo e propõe, no sentido oposto, um avanço otimista das possibilidades do jornalismo, não enxergando o maniqueísmo destas (Genro Filho 1989, 133-4).

O Jornalismo moderno possui não só um potencial crítico e revolucionário na luta contra o imperialismo e o capitalismo, mas um "potencial desalienador" insubstituível para a construção de uma sociedade sem classes. Ele permite, pela natureza mesma do conhecimento que produz, uma imprescindível participação no processo de significação do ser social (Genro Filho 1989, 179).

Vê a potencialidade do maior e melhor jornalismo, mirando as contradições sociais e uma redução do âmbito mercadológico desta profissão em sua transição, a tornar-se um permanente meio e fim público para o bem público.

Tateando uma síntese: considerações finais

Esta breve revisão procurou elucidar, a partir da bibliografia, as contribuições de alguns pensadores modernos associados ao pensamento de Marx acerca do papel do jornalismo na sociedade. Constatamos, neste sentido, uma divisão clara entre "pessimistas" e "otimistas", entre aqueles que veem o jornalismo e a indústria da mídia como alienantes, oficinas legitimantes da *hegemonia* vigente e aqueles que veem estes como possíveis ferramentas emancipatórias.

As razões destas perspectivas se encontram, em muito, na relação destes teóricos com a ideia base-superestrutura. Em uma leitura que vê a *base* econômica como dominante ou, até determinante sobre a *superestrutura*, não existe possibilidade senão o fatalismo da inexorabilidade deste controle do capitalismo sobre as formas simbólicas. Em uma superestrutura relativamente autônoma, que reflete e refrata a *base*, não só há espaço para contestação dentro do sistema, mas também a possibilidade da suplantação destas relações de produção. Entre os autores ponderados, Adorno e Horkheimer não tratam literalmente da *base* e da *superestrutura*¹¹, mas veem que uma lógica capitalista, o "ritmo do aço", capturou a produção cultural, distorcendo-a em prol da domesticação da população e da própria em prol da criação de valor de troca. Deste controle, não viram escapatória. Nelson Werneck Sodré, com influências mais ortodoxas, toma a *infraestrutura* como *efetivamente determinante* e a *superestrutura* como *reflexo da base*, enxergando uma estrutura engendrada: o capitalismo, em conjunção às especificidades sócio-históricas do Brasil dentro dele, conferia à produção midiática uma estrutura rija e inexorável. Mesmo a resistência de jornalistas bem-intencionados (Sodré cita inúmeros em sua *História da Imprensa no Brasil*) não era vista como capaz de encetar uma mudança positiva.

Habermas e Gramsci, em outra mão, conferem

significativa autonomia à superestrutura e ao seu funcionamento, permitindo que a ação humana dentro dela recupere o debate construtivo em prol da melhoria da sociedade, no primeiro caso, e a fim instaurar a revolução emancipadora das classes oprimidas, no segundo. Este plano cultural é, nesse sentido, valorizado como um espaço revolucionariamente democrático, em que os autores podem sonhar uma revolução pacífica (ou o mais pacífica possível) trazida pela *tomada de consciência* generalizada. Genro Filho se assemelha à clama por uma democracia mais direta de Habermas, e coloca similar fé a Gramsci no *profissional da mídia*, o jornalista, para liderar um esforço de conscientização e ação popular. Mesmo que sua leitura seja a mais "insular" de todas, talvez seja a mais centrada no problema e na possibilidade do jornalismo, como lugar-comum da defesa aos direitos basilares da humanidade e da luta por sua emancipação.

O ofício do jornalista tornou-se um meio de expressão humana cujo alcance faz dele uma peça central dos intercâmbios e debates na sociedade civil, seja para a transformação ou para a estagnação de uma sociedade. Não há como, no entanto, esperar mudanças efetivas sem uma reestruturação fundamental, sem uma captura desse *aparelho* por um grupo distinto, objetivando usufrutos distintos do jornalismo. A comunicação de massas tem de escapar do motivo-lucro e envidar seus esforços em prol da democracia.

Esta necessidade concreta deve ser refletida na formação profissional e teórica dos jornalistas. A realidade tende a resultados contrários: cada vez mais, a mercadologia adentra e destrincha a capacidade de resistência do jornalismo como carreira e ética. O trabalho em prol da democracia universal deve ser constante, independente e aguerrido. As tecnologias que hoje causam mal à democracia e aprofundam a pauperização material e de espírito de tantos milhões não são determinantes desta realidade. Cremos que autores filiados ao marxismo, irmanados na crítica

¹¹ Isso, talvez, não seja tão surpreendente assim: a "teoria crítica", nas mãos de sua primeira geração, deixou de adotar abertamente o marxismo a fim de escapar de eventuais perseguições. Era conhecido entre estes, no entanto, que a teoria crítica era uma adaptação do marxismo (Wiggershaus 2002, 5).

ao sistema vigente, podem empoderar novas perspectivas e novos rumos ao jornalismo, ao seu estudo e à relação da sociedade com a indústria da mídia. Sua *palavra* pode e deve ser utilizada para dar voz aos silenciados e avançar os direitos básicos da humanidade, imprescindíveis na sua emancipação.

Referências

- Adorno, Theodor, Anson Rabinbach. 1975. "Culture industry reconsidered". *New German Critique* 6: 12-19. <https://doi.org/10.2307/487650>
- Adorno, Theodor, Max Horkheimer. 1982. "A indústria cultural: O iluminismo como mistificação de massas". In *Teoria da Cultura de Massa*, organizado por Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Adorno, Theodor, Max Horkheimer. 2002. *Dialectic of enlightenment*. Stanford: University Press.
- Avritzer, Leonardo, Costa, Sérgio. "Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina". *Dados* 47(4): 703-28. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582004000400003>.
- Bates, Thomas. 1975. "Gramsci and the theory of hegemony". *Journal of the History of Ideas* 36(2): 351-66. <https://doi.org/10.2307/2708933>
- Becker, Samuel. 1984. "Marxist approaches to media studies: The british experience". *Critical Studies in Mass Communication* 1(1): 66-80. <https://doi.org/10.1080/15295038409360014>
- Burke, Peter. 2003. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. tradução por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Cardoso, Lucileide Costa. 2012. "Nelson Werneck Sodré: Censura, repressão e resistência". *Anos 90* 20(37): 237-67. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.28620>
- Cunha, Paulo Ribeiro, Fátima Cabral. 2006. *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. São Paulo: UNESP.
- Devenney, Mark. 2009. "The limits of communicative rationality and deliberative democracy". *Journal of Power* 2(1): 137-54. doi:10.1080/17540290902760915
- Engels, Friedrich. 1969. "The principles of communism". In *Marx & Engels selected works*, organizado por Karl Marx. Moscou: Progress Publishers.
- Genro Filho, Adelmo. 1989. *O Segredo da pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo* (2. ed). Brasília: Ortiz S/A.
- Gramsci, Antonio. 1971. *Selections from the Prison Notebooks*. Nova Iorque: Intl. Publishing Company.
- Gramsci, Antonio. 1981. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Circulo do Livro.
- Gramsci, Antonio. 2001. *Cadernos do cárcere* (2. ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gudgin, Graham, Peter Taylor. 2012. *Seats, votes and the Spatial Organisation of Elections*. Londres: ECPR Press.
- Gunaratne, Shelton. 2006. "Public sphere and communicative rationality: Interrogating Habermas's eurocentrism". *Journalism & Communication Monographs* 8(2): 93-156. <https://doi.org/10.1177/152263790600800201>
- Habermas, Jürgen, Thomas Levin. 1982. "The entwinement of myth and enlightenment: Re-reading dialectic of enlightenment". *New German Critique* 26: 13-30. <https://doi.org/10.2307/488023>
- Habermas, Jürgen. 1985. *The theory of communicative action, Volume 2: Lifeworld and System: A Critique of Functionalist Reason*. Boston: Beacon Press.
- Habermas, Jürgen. 1986. *Moral consciousness and communicative ethics*. Cambridge: MIT Press
- Habermas, Jürgen. 2014. *Mudança estrutural da esfera pública*. São Paulo: UNESP.
- Johnston, Ron, David Rossiter, Charles Pattie, Danny Dorling. 2002. "Distortion magnified: New labour and the British electoral system, 1950-2001". *British Elections & Parties Review* 12(1): 133-55. <https://doi.org/10.1080/13689880208413074>
- Kompridis, Nikolas. 2006. *Critique and disclosure: Critical theory between past and future*. Cambridge: MIT Press
- Konder, Leandro. 2002. *A Questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Livingstone, Sonia, Peter Lunt. 1993. "The mass media, democracy and the public sphere". In *talk on television: Audience participation and public debate*. Londres: Routledge.
- Motta, Luiz Gonzaga. 2002. *Imprensa e poder*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Noerr, Gunzelin Schmid. 2002. *Max Horkheimer and Theodor W. Adorno: Philosophical fragments*. Stanford: University Press.
- Schlesener, Anita Helena. 1992. *Hegemonia e Cultura: Gramsci*. Curitiba: UFPR.
- Sewell, William. 1981. "La confraternite des proletaires: Conscience de classe sous la Monarchie de Juillet". *Annales. Histoire, Sciences Sociales* 36(4): 650-71. <https://doi.org/10.3406/ahess.1981.282774>
- Silva, Luís Martins da. 2002. "Imprensa e cidadania". In *Imprensa e poder*, organizado por Luiz Gonzaga Motta. Brasília: Universidade de Brasília.
- Sodré, Nelson Werneck. 1979. *Formação histórica do Brasil* (10. ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sodré, Nelson Werneck. 2011. *História da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EdUPUCRS.
- Thompson, John. 2008. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia* (9. ed). Petrópolis: Vozes.
- Wiggershaus, Rolf. 2002. *A Escola de Frankfurt: História, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL.

Williams, Raymond. 2005. *Culture and materialism*.
Londres: Verso Books.

Vinícios Welter Dias Silva

Bacharel em História pela Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Endereço para correspondência:

VINICIOS WELTER DIAS SILVA

Rua João Vieira de Aguiar Sobrinho, 580

Belém Novo, 91780040

Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto
Certo Assessoria Linguística e submetidos para
validação dos autores antes da publicação.*